



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

**MARIA RAIANE DOS SANTOS NUNES**

**FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DA *SOMBRA* NO CONTO  
*RUMPELSTILTSKIN*, DE JACOB E WILHELM GRIMM**

**GUARABIRA  
2021**

MARIA RAIANE DOS SANTOS NUNES

**FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DA SOMBRA NO CONTO  
*RUMPELSTILTSKIN*, DE JACOB E WILHELM GRIMM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

**Área de concentração:** Literatura, Discurso e Psicanálise.

**Orientador:** Prof. Ms. Rafael Francisco Braz.

**GUARABIRA  
2021**

N234f Nunes, Maria Raiane dos Santos.  
Formas de manifestações do arquétipo da sombra no conto Rumpelstiltskin, de Jacob e Wilhelm Grimm [manuscrito] / Maria Raiane dos Santos Nunes. - 2021.  
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Rafael Francisco Braz ,  
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Psicologia analítica. 2. Sombra. 3. Rumpelstilzinho. I.  
Título

21. ed. CDD 150.195

MARIA RAIANE DOS SANTOS NUNES

FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DA SOMBRA NO CONTO  
*RUMPELSTILTSKIN*, DE JACOB E WILHELM GRIMM

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa.

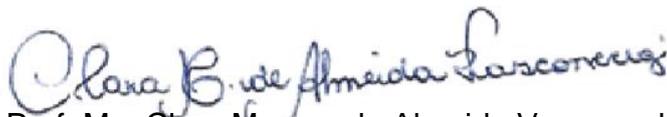
**Área de concentração:** Literatura, Discurso e Gênero.

Aprovada em: 19 de maio de 2021.

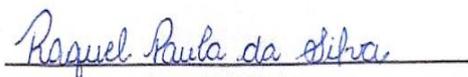
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Ms. Rafael Francisco Braz (Orientador)  
Prof. Me. Rafael Francisco Braz (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Raquel Paula da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha vó, Anita, aos meus pais,  
Ronaldo e Maria José, pelo amor, orgulho  
e confiança, eternamente, DEDICO.

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”  
(Carl Gustav Jung)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>A LITERATURA E A PSICOLOGIA JUNGUIANA .....</b>	<b>08</b>
2.1	O arquétipo na psicologia junguiana .....	11
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NO CONTO <i>RUMPELSTILTSKIN</i>, DOS IRMÃOS GRIMM.....</b>	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>
	<b>ANEXO A – <i>RUMPELSTILTSKIN</i>.....</b>	<b>27</b>

# FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DO ARQUÉTIPO DA SOMBRA NO CONTO *RUMPELSTILTSKIN*, DE JACOB E WILHELM GRIMM

## FORMS OF MANIFESTATION OF THE SHADOW ARCHETYPE IN THE TALE *RUMPELSTILTSKIN*, BY JACOB AND WILHELM GRIMM

Maria Raiane dos Santos Nunes\*

### RESUMO

O inconsciente coletivo é composto por estruturas psíquicas, chamadas de *Arquétipos*. Sendo retratos originais do comportamento humano, os arquétipos são elementos que despontam das experiências inatas, que fazem parte do inconsciente coletivo. Desse modo, o foco de análise, aqui desenvolvida, recaiu sobre o arquétipo da *sombra*, definido por Carl Gustav Jung, dentro da psicologia analítica. O *corpus* de análise foi composto pelo conto de fadas *Rumpelstilzinho* (*Rumpelstiltskin*) (2018), de Jacob e Wilhelm Grimm. Para tanto, nossa fundamentação teórica se baseou na perspectiva da psicologia analítica de Grinberg (1997), Hall (2014), Jung (1991), Hillman (1995), Silveira (2001), Jacob (1995), Stein (2001) e Stanford (1988). A análise evidenciou que as escolhas feitas pelos personagens do conto *Rumpelstilzinho* nos levou a considerar que o arquétipo da *Sombra* se faz presente em todos eles, assim como acontece com os seres humanos, independente de estarmos no que a sociedade julga como uma pessoa boa ou má. Nesse sentido, todos nós seremos bons e maus em um dado momento da vida, a depender da *sombra*.

**Palavras-chave:** Psicologia analítica. *Sombra*. *Rumpelstilzinho*.

### ABSTRACT

The collective unconscious is composed of psychic structures called Archetypes. Being are original portraits of human behaviour, and these archetypes are elements that emerge from the innate experiences that are part of the collective unconscious. Therefore, the focus of this analysis developed here reflects on the shadow archetype defined by Carl Gustav Jung within analytical psychology. We will use the fairy tale *Rumpelstilzinho* (*Rumpelstiltskin*) (2018) by Jacob and Wilhelm Grimm for the corpus of this analysis. For this purpose, our theoretical review is based on the perspective of analytical psychology by Grinberg (1997), Hall (2014), Jung (1991), Hillman (1995), Silveira (2001), Jacob (1995), Stein (2001) and Stanford (1988). The analysis of this work shows us that the choices made by the characters in the short story *Rumpelstilzinho* led us to consider that the Shadow Archetype is present in each one of them just as it happens with real people, regardless of being in what society judges as a good or bad person. As a result, appropriately, we will all be good and bad at some point in life, depending on this archetype.

**Keywords:** Analytical psychology. Shadow. *Rumpelstilzinho*.

---

\* Aluna da graduação em Letras – Habilitação em Língua Inglesa, na Universidade Estadual da Paraíba Campus – III. E-mail: [maria.raiane@aluno.uepb.edu.br](mailto:maria.raiane@aluno.uepb.edu.br)

## 1 INTRODUÇÃO

A psicologia junguiana, mais conhecida como sendo Psicologia Analítica e/ou Arquetípica, busca trabalhar a psique humana em três matizes fundamentais: no primeiro, Consciente, no segundo, o Inconsciente Pessoal e, por último, o Inconsciente Coletivo, de modo que venha a trazer explicações a respeito de atitudes/reações que a psique nos direciona a realizar perante os acontecimentos ao longo da vida. Desse modo, para a psicologia analítica, a psique trabalha em todos os seres humanos, sejam eles conhecedores ou não da existência dela.

O inconsciente pessoal é tudo aquilo que vem de nós mesmos, ou seja, que trabalha em harmonia e que pode, de certa forma, ser compreendido, controlado e vivenciado sem advertências ao longo da vida, pois, conforme Grinberg (1997), nós já nascemos com esse inconsciente formado.

Por outro lado, o inconsciente coletivo é tudo aquilo que herdamos de arquétipos de nossos ancestrais no percurso da vida. Porém, tudo aquilo que não pode ser de fato controlado ou que não seja aceito pelo consciente é levado até o inconsciente, para ser armazenado e causar influência na forma como vivenciamos as situações. Jung (1991) considera os arquétipos como sendo a participação mística de nossos antepassados que está dentro de nós ou o seu inverso: nós é que estamos dentro deles.

Os arquétipos, que estão inseridos dentro do inconsciente coletivo, são divididos em diferentes classes e tipos, para que o contato e ativação de cada um deles ocorra ao longo da vida, perante as situações que lhe são necessárias, sendo distinções dentro da nossa própria psique. Jung concebia os arquétipos como sendo imagens inatas, que apresentam semelhanças universais propriamente ditas.

Por tanto, este Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) objetiva investigar os arquétipos do inconsciente coletivo e a psique humana, partindo de suas linhas mais arcaicas, a exemplo do arquétipo da sombra, definido por Carl Gustav Jung dentro da psicologia analítica.

Para o *corpus* de análise, lançamos mão do conto de fadas *Rumpelstilzinho* (*Rumpelstiltskin*), de Jacob e Wilhelm Grimm (2018), como raiz de análise comparativa à teoria. A obra é composta por um gnomo astuto, a filha de um moleiro e seu pai mentiroso e, ainda, um rei ambicioso, que não tinha limites quando se falava em riqueza. O título da história se assemelha ao nome do gnomo que, certo dia, surgiu uma moça que estava em apuros e temia pela própria vida, caso não conseguisse realizar o feito que lhe fora pedido pelo rei ambicioso após o pai da moça mentir sobre dons que ela jamais tivera.

O pai da moça havia dito ao rei que esta era capaz de transformar em ouro a mais simples palha, de modo que o rei acabou por querer conhecer esta tão talentosa moça, trancou-a em salas repletas de palha e deu-lhe tempo para realizar tal tarefa. O gnomo aparecia para fazer o serviço da moça em troca de algo de valor que ela tivesse, até que em certo dia, ela não tinha nada de valioso e fez um acordo com o gnomo, para dar seu bem mais precioso um dia, por achar que não o teria e pela satisfação imediata.

Os autores dessa narrativa, abordada como *corpus*, são irmãos alemães que se dedicaram, ao longo da vida, a escrever/recontar, de forma literária, contos que eram popularmente falados, criando suas próprias histórias, que se dão dentro de um mundo fantástico, do qual conhecemos como sendo contos de fada. Jacob e Wilhelm Grimm são considerados como pioneiros da literatura infantil.

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, tomamos a metodologia de cunho qualitativo, através do *corpus* analisado, buscando desenvolver a presença do arquétipo da sombra no conto de fadas *Rumpelstilzinho* (2018), relacionando-o à teoria dos arquétipos e à personalidade humana real. Para tanto, a pesquisa se insere no que Marconi e Lakatos (2010) postulam por uma abordagem qualitativa, pois se trata de um tipo de pesquisa que tem como premissa a análise e interpretação de aspectos mais profundos, de modo a descrever a complexidade do comportamento humano.

Para tanto, este estudo lança mão dos pressupostos teóricos, postulados por Grinberg (1997), que reflete sobre a teoria do inconsciente coletivo; Hall (2014), abordando, em linhas gerais, os arquétipos do inconsciente coletivo; Jung (1991), o psiquiatra suíço, fundador da psicologia analítica, fundamentando as origens mais extremas da psique e dos arquétipos dentro do inconsciente coletivo.

O pensamento crítico de Hillman (1995) surge, versando a respeito dos arquétipos e da imagem arquetípica; Silveira (2001), aludindo acerca da origem dos arquétipos; Jacob (1995), refletindo sobre o arquétipo na vivência de um indivíduo; Stein (2001) aborda, de forma detalhada e simbólica, o primeiro contato de Jung com o que veio a chamar, posteriormente, de arquétipo e psicologia arquetípica, e Stanford (1988), expondo a forma com que a sociedade busca moldar a pessoa perfeita, na tentativa de omitir o arquétipo contrário a sua doutrinação social.

Sendo assim, justificamos esta pesquisa, por ser uma fonte de teorias e detalhamentos descritivos no que diz respeito ao inconsciente coletivo e aos arquétipos nele presentes, considerando a categoria da sombra na literatura como espelho da sociedade e suas diversas formas de moldar um ser humano perfeito, construído a partir de origens arcaicas. Este estudo tem sua relevância por ser puramente de cunho científico, social e psicológico, dentro das perspectivas da psique humana, a fim de se tornar fonte de conhecimento e suporte didático e social.

Nesse momento, é válido dizer como este estudo está organizado. Assim, além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em quatro unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente, discutimos a ligação entre a literatura e a psicologia junguiana, apresentando, brevemente, os arquétipos gerais do inconsciente; logo após, abordamos as questões teóricas, pertinentes ao arquétipo na psicologia junguiana. Ainda nesta seção, buscamos desenvolver, de forma sucinta, a imagem arquetípica, de modo que ela se relacionasse ao leitor como sendo parte constituinte de sua personalidade.

Na terceira unidade desta pesquisa, buscamos refletir e reafirmar a psicologia arquetípica e os arquétipos em sociedade, quando apresentamos o *corpus* do artigo, relacionando-o ao mundo real. Além disso, evidenciamos a face humana, espelhada no *corpus*, através de linhas e comparações, de modo a nos aprofundar dentro do arquétipo da sombra, a partir da análise literária e científica que pode ser vista e relacionada ao conto *Rumpelstilzinho* (2018) e, por fim, apresentamos breves considerações finais dentro do tema proposto.

Esta pesquisa busca construir relevância dentro da psicologia arquetípica, de modo a se fazer presente como fonte para pesquisas bibliográficas futuras e apresentar ao leitor a psique presente em todos os seres humanos e espelhados (como nos personagens mágicos, abordados no *corpus*), através de características tanto simplórias e sociais quanto profundas, analíticas e teóricas.

## 2 A LITERATURA E A PSICOLOGIA JUNGUIANA

*Os arquétipos são conceitos vazios, não preenchidos. São formas universais coletivas, básicas e típicas, da vivência de determinadas experiências recorrentes, que expressam a capacidade criatividade única e autônoma da psique (GRINBERG, 1997, p.137)*

Em seus estudos, dados através de casos clínicos e de si mesmo, Carl Gustav Jung dividiu a psique humana em três partes fundamentais constituintes, sendo elas: *o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo*. Enquanto o consciente é a parte que conhecemos e tem o Ego como centro, o inconsciente pessoal é a parte mais rasa, onde estão os tópicos irrelevantes, que são esquecidos e reprimidos, mas que serão desenvolvidos pelo indivíduo ao longo da vida.

O consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo vivem em constante interação, para formar a psique. O inconsciente coletivo trata da parte mais escura da psique, haja vista que, diferente do pessoal, o inconsciente coletivo não se limita apenas às experiências vividas pela pessoa, mas também traz luz à teoria de que ele tem raízes no passado da humanidade e que já nascemos com ele, através do passado de nossos ancestrais, de modo que não temos domínio sobre essa camada da psique. Nessa medida,

Nós já nascemos com o inconsciente coletivo e criamos o inconsciente pessoal depois do nascimento. [...] o inconsciente coletivo é a camada mais profunda do inconsciente e corresponde a uma imagem de mundo que levou eras e eras para se formar. [...] Não podemos ver o inconsciente coletivo. Podemos apenas inferir em sua existência. O inconsciente coletivo é em si mesmo, um campo invisível que pode tornar-se visível em situações específicas (GRINBERG, 1997, 135).

Nesse sentido, o inconsciente coletivo é ainda composto por estruturas psíquicas, chamadas de *Arquétipos*, que são retratos originais do comportamento, sendo elementos que despontam das experiências inatas, que fazem parte do inconsciente coletivo. Apesar de terem base biológica na experiência de nossos ancestrais, ao longo dos milênios, todos os arquétipos dependem da experiência, relacionada a eles, para atingirem seu desenvolvimento.

A esse respeito, Jung (1991, p.70) argumenta que “o arquétipo é, pois a assim chamada *participacion mystique* do homem primitivo com a terra em que ele vive e que só abriga os espíritos de seus ancestrais”. Os arquétipos têm bipolaridade e se expressam através de símbolos e experiências pré-estabelecidas, podendo ser arquétipos positivos ou negativos.

Desse modo, de forma independente e com personalidade própria, os arquétipos habitam a psique e são dependentes do inconsciente coletivo e da experiência para se desenvolverem, já que “eles nos predispõem a experimentar a vida de acordo com alguns padrões estabelecidos na psique. [...] Entretanto o arquétipo não é uma experiência que se herda, mas o potencial de repetição dessa experiência” (GRINBERG, 1997, p.137).

Para tanto, sendo fundamentais e estruturais dentro da psique humana, Jung se dedicou a estudar os arquétipos em sua teoria, com foco no arquétipo de *Persona*, o *Animus e Animas*, o arquétipo do *Eu* e o da *Sombra*, que são os arquétipos fundamentais na personalidade de um indivíduo. Com isso,

Para uma correta compreensão da teoria junguiana dos arquétipos, é muito importante que eles sejam considerados como representações

plenamente desenvolvidas na mente [...] Alguns arquétipos têm uma importância tão grande na formação da nossa personalidade e de nosso comportamento que Jung dedicou-lhes uma especial atenção. São os arquétipos da *persona*, *anima* e *animus*, *sombra* e o *eu* (HALL, 1973 p.34).

Em seu estudo, Hall (1973) indica que o arquétipo de *Persona* dá ao indivíduo uma “máscara”, capaz de fazer com que ele se adapte a diferentes situações e realidades. A *Persona* é coletiva e é através dela que a mesma pessoa se comporta de diferentes formas, em determinados momentos do cotidiano, a exemplo de quando uma pessoa é responsável e colaborativa no trabalho e na vida particular é o oposto.

Nesse sentido, o teórico em questão propõe que, embora uma pessoa assuma diversas máscaras na vida, elas formam a *persona* de tal indivíduo, e é em decorrência dela que aceitamos coexistir em sociedade, inclusive, com as pessoas das quais não nos sentimos à vontade, de modo a não nos tornarmos desagradáveis. Desse modo,

Na psicologia junguiana, o arquétipo de *persona* atende a um objetivo semelhante: dá a um indivíduo a possibilidade de compor uma personagem que necessariamente não seja ele mesmo. *Persona* é a máscara ou fachada ostentada publicamente com a intenção de provocar uma impressão favorável a fim de que a sociedade o aceite (HALL, 1973, p. 36).

Por outro lado, os arquétipos *Anima* e *Animus* nada mais são que a parte interior do homem e da mulher, causando conflito nas relações do indivíduo. Enquanto a *Anima* se faz presente no interior masculino, o *Animus* é encontrado no interior feminino. Ambos são influenciados pelas experiências que seu consoante vivenciou e, assim como os demais arquétipos, *Anima* e *Animus* são decorrentes dos antepassados, desenvolvendo-se de forma independente e sendo influenciados pelas figuras opostas.

Nessa perspectiva, o arquétipo do *Eu* ou *Self* é considerado por Jung o centro do inconsciente coletivo, sendo o arquétipo principal, apresentado nos sonhos, através de formas superiores e sábias. Jung cita ainda o arquétipo da *Sombra*; este, comparado aos demais arquétipos, tem mais influência no consciente.

Para tanto, ao se fazer presente nos sonhos, o arquétipo da *Sombra* traz consigo uma maior gama de natureza animal e insistente, pois ela quase sempre se revela em forma de figura ou situação, remetendo ao medo de monstros ou representatividade daquilo que não queremos enfrentar. Porém, ao ser concebida numa perspectiva positiva e sendo trabalhada sob a influência do *Ego*, a *Sombra* pode alterar a energia de um indivíduo, fazendo com que ele fique satisfeito consigo mesmo. Assim,

As inspirações são sempre da sombra. [...] a sombra é um arquétipo importante e valioso, porque tem a capacidade de reter e afirmar ideias ou imagens que podem vir a ser vantajosas para um indivíduo. Graças à sua tenacidade, pode impelir uma pessoa para atividades mais satisfatórias e mais criativas (HALL, 1993, p. 41).

Hall (1973) reflete que, apesar de ter ligação com o arquétipo da *Persona*, a *Sombra* age de forma independente. Podendo ser definida como o oculto do inconsciente, a *Sombra* é o que costumamos esconder ou bloquear da sociedade ou de nós mesmos, buscando evitar julgamentos sociais ou até mesmo se esquivando

do que é considerado fraqueza ou defeito dentro da personalidade de um indivíduo diante da sociedade em que vive.

A psique possui várias formas de tratar a *Sombra*; pode aceitar que ela se faz presente, o que agrada ao ego e faz com que o arquétipo não seja rejeitado e expelido para o inconsciente. Ao negarmos a presença desse arquétipo, sentimos em nós mesmos a sensação de que houve um desaparecimento. Se reprendermos a *Sombra*, faremos com que o ego a expulse para o inconsciente, causando sentimentos perigosos quanto a nós mesmos:

Após várias tentativas de excluir os conteúdos da *Sombra*, tais estratégias defensivas podem começar a falhar, e a pessoa vê-se obrigada a perceber que os custos para mantê-los afastados da consciência é elevado. Surgem então, sentimentos de culpa, ansiedade ou depressão além da manifestação de uma série de sintomas corporais (HALL, 1973, p.148).

Nessa medida, é o arquétipo da *Sombra* que apresenta mais perigo dentro do inconsciente coletivo que os arquétipos de *Persona*, do *Animus e Animas* e o *do Eu*. Sua insistência e a forma com que lidamos com ele pode ser tão boa quanto ruim, a depender de nós mesmos. O Ego decide se a aceita ou não, pois a *Sombra*, de forma harmônica, dentro da psique, traz grandes contribuições, mas, caso seja rejeitada pelo consciente, é enviada pelo ego para o inconsciente coletivo.

Desse modo, é ainda a *Sombra* a responsável pelas reações do homem a respeito dos relacionamentos que vem a ter com pessoas do mesmo sexo ao longo da vida, sendo então o arquétipo capaz de desenvolver o que existe de melhor ou pior no homem dentro dessas relações, já que ela desperta a criatividade ao se sentir em harmonia com o Ego, mas também pode ser a responsável pelas ações de um indivíduo e da arte nele despertada.

Os sonhos, com a presença da *Sombra*, costumam ser perturbadores para nós, mesmo não entendendo seus significados ou sabendo diferenciar os fatos. Geralmente, apresentando figuras mitológicas, religiosas e assustadoras, esses sonhos, rejeitados por nosso consciente, são carregados de fantasias e costumam interferir em nosso comportamento sem que sejamos capazes de revelar que eles refletem nosso interior.

Nesse sentido, a psicologia junguiana buscava incentivar os pacientes a desenvolverem a fantasia de simbolismo da *Sombra* de forma artística, livre, detalhada e de acordo com a vontade de cada indivíduo, o que fez com que surgissem artes confusas, repetitivas vezes, com grau de complexidade e oposição, sendo entendidas por Jung como 'processo de individualização'. Nesse contexto,

Menciono, como característica mais saliente, a multipilicidade caótica e a ordem, a dualidade, oposição entre luz e trevas, entre o supremo e o infinito, entre a direita e a esquerda, a união dos opostos em um terceiro, a quaternidade (o quadrado, a cruz), a rotação (círculo, esfera) e, finalmente o processo de centralização e o arranjo radial, em geral dentro de um sistema quaternário. (JUNG, apud STEIN, 1998, p. 88)

Dessa forma, a psicologia então passou a buscar explicações sobre o inconsciente nas manifestações artísticas, de modo que não viesse a interferir dentro da arte em si, apenas naquilo que permitisse análise, sem alterar sua natureza livre; todavia, a arte não é ciência, tampouco pode ser analisada como tal.

A esse respeito, Jung (1991, p. 54) define que "Apenas aquele aspecto da arte que existe no processo de criação artística pode ser objeto da psicologia, não

aquele que constitui o próprio ser da arte”. Ao usar essas palavras, Jung quer dizer que a vivência ou ideia de manifestação, que se passa dentro da arte, não pode ser interpretada, o que pode ser interpretado, de fato, é o que levou o criador da arte, de forma inconsciente, a criá-la com características tão particulares.

## 2.1 O arquétipo na psicologia junguiana

*Arquétipos são possibilidades herdadas para representar imagens similares, são formas instintivas de imaginar. São matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma (SILVEIRA, 2001, p.68).*

Os arquétipos estão inseridos dentro da psicologia arquetípica. Diferente da psicologia clínica, que buscava não se limitar à psicoterapia existente, de tratar o paciente dentro do consultório, a psicologia arquetípica procurava estudar e refletir acerca da imaginação oriental, relacionando fatores externos, que considerava importantes. A psicologia arquetípica mantinha, assim, uma ligação com a cultura e com a arte, como também na forma como essa ligação e a história de ideias cresce dentro da imaginação humana.

Apesar de estarem inseridos diretamente na psique, os arquétipos também se fazem presente dentro de outras esferas ligadas à estrutura da pessoa humana e ao espaço no qual eles estão inseridos, podendo, assim, estarem tanto no plano psíquico quanto no espiritual, de linguagem, sociedade e também no plano físico, todavia, a psicologia arquetípica tende a ter maior ligação com a imaginação e a cultura, propriamente ditas desde o início. Dessa forma,

[...] os primeiros vínculos da psicologia arquetípica são mais com a cultura e a imaginação do que com a psicologia médica e empírica, que tendem a confinar a psicologia às manifestações positivas da alma no século XIX. A psicologia arquetípica pode ser vista como um movimento cultural; parte de sua tarefa é a revisão da psicologia, da psicopatologia e da psicoterapia de acordo com a imaginação do Ocidente (HILLMAN, 1995, p. 21-22).

Nesse sentido, Carl Gustav Jung foi quem desenvolveu a teoria da psicologia arquetípica. Jung, sendo o pai dessa teoria, foi seguido, posteriormente, por diversos estudiosos, que vieram a contribuir grandemente para o avanço da psicologia arquetípica ao longo do tempo. Ele definiu que, até mesmo a organização mais básica e universal do inconsciente e as formas como estão relacionadas surgem dos padrões arquetípicos.

A esse respeito, Hillman (1995, p. 22) define que os arquétipos “são como órgãos físicos, e aparecem de forma congênita na psique (ainda que não necessariamente herdados geneticamente), mesmo que de alguma maneira modificados por fatores históricos e geográficos”. Podendo, também, levar nome de “*archai*”, os padrões arquetípicos podem se fazer presente por meio de sonhos, religiões, manifestações artísticas e até mesmo em práticas sociais, desenvolvidas em todos os povos, além de se revelarem, de forma natural, em distúrbios mentais.

Desse modo, a psicologia arquetípica tende a desenvolver dentro dela a *imagem arquetípica*, que seria o mesmo que dizer que estuda figuras míticas que possam ser desenvolvidas pelas características poéticas da psique, ação e sentimento de forma universal, pois “Uma imagem arquetípica é psicologicamente “universal” porque seu efeito amplia e despersonaliza. [...] porque ecoa uma importância transempírica e coletiva” (HILLMAN, 1995, p.33).

Para tanto, há diferenças entre arquétipos e imagens arquetípicas, pois enquanto os arquétipos podem ser vistos como um padrão de organização psíquica universal, a imagem arquetípica dá conteúdo a esses arquétipos, de forma que se complementam, é nelas que as representações são dadas. É a imagem arquetípica que nos torna capazes de reagir aos arquétipos e às situações que vivenciamos, independente da cultura que temos. Assim,

Se as imagens arquetípicas são os fundamentos da fantasia, elas são os meios através dos quais o mundo é imaginado, e então elas serão os modos pelos quais todo conhecimento, toda e qualquer experiência se tornam possíveis. [...] Uma imagem arquetípica opera como o significado original da ideia (do grego *eidos* e *eidolon*): não somente “aquilo que” se vê, mas, também “aquilo através do que” se vê (HILLMAN, 1995, p. 35).

Em seu estudo, Grinberg (1997) aponta que, para a psicologia arquetípica, a alma é composta por imagens, pois ela se recusa, de forma implacável, sequer a fazer uma especulação a respeito de um arquétipo que não seja mostrado; sua preocupação em si não é apenas com o arquétipo, a psicologia arquetípica prioriza, antes de tudo, a imagem arquetípica, que é dada dentro do arquétipo inserido na psique universal.

O teórico propõe que os arquétipos são mais que objetos de estudo teórico. Como dito antes, eles são experimentados através de sonhos, ideias de fantasia ou vivência ao longo da vida, nas emoções que são desenvolvidas dentro do complexo presente no inconsciente pessoal. Entretanto, os arquétipos, apresentados dentro dessas esferas, têm um poder de intervenção que se apresenta por meio do que pode ser visto como *efeito numinoso*:

Sempre que surge um determinado arquétipo num sonho, numa fantasia ou na vida, devido à sua carga energética própria ele traz consigo um certo poder de influência, exercido por meio de um efeito numinoso ou fascinante. O efeito numinoso é a tonalidade emocional que leva o indivíduo a agir como se estivesse possuído por um instinto ou demônio desenfreado (GRINBERG, 1997, p. 138).

A psicologia arquetípica trabalha ainda com a ativação do arquétipo, refletindo que todos nós nascemos com a presença dos arquétipos. Entretanto, para que haja uma ativação de um arquétipo, é preciso que ele entre em contato com uma vivência como forma psíquica suficiente para tal ativação. “Um arquétipo pode ser ativado quando este se vê em uma situação ou próximo de uma pessoa que apresente similaridade com ele” (GRINBERG, 1997, p. 139).

Dessa forma, a energia de um arquétipo, ao ser ativado, pode ser capaz de fazer com que haja um acúmulo de energia ao redor de si, causando, então, uma série de ideias e experiências emocionais que estavam adormecidas dentro do complexo pessoal, ativação essa que pode ser tanto boa quanto ruim. Para exemplificar essa teoria, de forma mais didática, usaremos, mais adiante, a forma de ativação do arquétipo de *sombra*, através do conto de fadas.

Se ativados de forma positiva, os arquétipos tendem a ser a maior fonte de atividade de criação de um ser humano, pois a carga de energia presente no arquétipo ativado leva uma pessoa a ter inspiração tanto na arte quanto na ciência, fazendo com que haja forma nas imagens que apresentem as características de um dado momento cultural, é como se a pessoa passasse a entender suas emoções e, ao exprimi-las, passasse a se sentir renovada.

Outrora, se ativados de forma negativa, esses arquétipos podem levar a pessoa a agir de modo que seja prejudicial, não apenas para si mesmo, mas podendo atingir terceiros. Podem ser ativações que apresentem fanatismo, possessão e outros sentimentos derivados daquilo de mais rígido que possa existir dentro da alma humana, a exemplo das ações de seguidores de grupos políticos e idólatras, que veem como inimigo quem pensa diferente.

A esse respeito, Grinberg (1997, p. 140) define que “Se o ego do indivíduo não for capaz de integrar a consciência as suas raízes, se ele não for capaz de reconhecer o arquétipo, este formará um complexo que é postado para fora e o inimigo passará a ser visto nos outros”. A ativação negativa do arquétipo, em estado de possessão, leva uma pessoa a ser agressiva com quem não tenha o comportamento, a opinião, a orientação sexual igual a dela, vendo nos outros um inimigo que não existe de fato.

Nesse contexto, ainda sob o aspecto de possessão, dada pela ativação negativa do arquétipo, podemos exemplificar a psicose em seus sintomas mais fortes, levando o indivíduo a se sentir uma figura dona de super poderes, excesso de certeza em determinadas situações irreais, como a presença de seres mágicos, momentos fantasiosos, como perseguição demoníaca, além de poder fazer com que este indivíduo sinta que existe em si o poder de profetizar.

Desse modo, o arquétipo é ainda uma fonte de carga psíquica inesgotável. Presente, de forma universal, o arquétipo não pode ser verdadeiramente explicado; o que podemos fazer, a partir dessa teoria trabalhada por Jung, é apenas vir a traduzir tal pensamento, usando as metáforas de linguagem, nele presentes e, a partir da tradução, identificar suas raízes dentro da psique humana, bem como a influência que os arquétipos podem ter no comportamento de uma pessoa. Com efeito,

Sendo um órgão psíquico vital ao nosso equilíbrio, o arquétipo pode fornecer tanto o veneno quanto a cura. Uma falha cometida pelo ego na tradução do arquétipo resultará numa atitude que lhe será inadequada como se o arquétipo respondesse a uma injúria ao tradutor. Uma tradução adequada trará a inspiração criativa e a transformação (GRINBERG, 1997, p.141).

Vale dizer que não se sabe verdadeiramente como foi formado o conceito de arquétipo. Entretanto, Jung defende que os arquétipos não se dão através de imagens inatas; para ele, os arquétipos são estruturas psíquicas herdadas, que podem apresentar semelhanças universais, independente de cultura, raça e religião. Jung via nos arquétipos uma grande fonte de energia psíquica no comportamento humano. Mas, afinal, como os arquétipos foram originados?

Resultariam do depósito das impressões deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos, repetidas incontavelmente através de milênios. Seriam disposições inerentes à estrutura do sistema nervoso que conduziriam à produção de representações sempre análogas ou similares (SILVEIRA, 2001, p.68)

Independente da origem, o arquétipo tem seu funcionamento como se fosse uma caixa, onde está concentrada a energia psíquica de um indivíduo; quando essa energia é atualizada em seu estado maior, ela acaba por tomar forma, e é essa forma que traz a imagem arquetípica para a psique; entretanto, essa imagem jamais

deverá ser considerada como um arquétipo, pois somente ele tem sua virtude única, de modo que nada, dentro da psique, pode se assemelhar a ele.

Não se sabe como acontece de fato a configuração da imagem arquetípica ou sequer como essas imagens conseguem adquirir para si a energia psíquica, são questionamentos incapazes de terem respostas reveladas. Por outro lado, sabemos que a transformação da imagem arquetípica está dentro da psique, uma vez que enquanto dormimos, estamos sujeitos a sonhos que apresentam figuras conhecidas ou desconhecidas e que podem surgir ou não em cenários com características fantásticas, visto que

A noção de arquétipo, postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos, permite compreender porque em lugares ou épocas distintas aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos das religiões, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral – seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos (SILVEIRA, 2001, p. 69).

Em seu estudo, Jacobi (1995) esclarece que os arquétipos existem de forma pré-consciente, criando, provavelmente, as dominantes inseridas dentro da estrutura da psique. Não se sabe, de forma coesa, a origem dos arquétipos e a natureza deles de fato, sabe-se que estão dentro do inconsciente coletivo, parte esta que não chegamos a ter acesso de forma direta, para compreendê-la, já que nosso contato com eles ocorre apenas de forma indireta.

Nesse sentido, o teórico em destaque propõe que o arquétipo se atualiza de acordo com o que ocorre dentro da vivência interna e externa do indivíduo em que está inserido, se atualizando de acordo com as condições que lhes são dadas. Inicialmente, os arquétipos se tratavam do que Jung chamava de “motivos de modelos psíquicos”, expressos por imagens e, continuamente, vieram a ser estendidos para todos os tipos de modelo:

[...] isto é, também aos processos dinâmicos e não apenas às imagens estatísticas. No fim de tudo, foram incluídas todas as manifestações psíquicas da vida, desde que sejam comuns e típicas da natureza humana, tanto no nível biológico e psicobiológico, como no nível de formação de ideias (JACOBI, 1995, p. 40).

Para tanto, acredita-se que o contato de Carl Gustav Jung com a teoria dos arquétipos se deu, especificamente, entre os anos de 1909 e 1912, quando Jung ainda se fundamentava nas teorias do psicanalista alemão Sigmund Freud, que também foi essencial dentro da psicologia, todavia, em linha distinta da de Jung, que estava pesquisando a mitologia e construindo, em seus escritos, a obra *Psicologia do Inconsciente*, na qual analisou as fantasias de Frank Miller.

Jung havia conhecido a fantasia de Frank Miller, através de uma publicação que um de seus colegas de Genebra, Gustav Flournoy, havia feito. Jung até então havia estudado, de forma psiquiátrica, sua prima Helene Preiswerk e, a partir do caso dela, ele se dedicou a entender a significação das fantasias, mas, somente através do estudo a respeito de Frank Miller, começou a se desprender das teorias de Freud, a quem, até então, era discípulo.

A esse respeito, Stein (2005, p.85) destaca que “Frank Miller foi à ocasião para Jung começar a distanciar-se explicitamente da teoria da libido enunciada por Freud e a averiguar os padrões gerais no que viria mais tarde a chamar o inconsciente coletivo”. Ao trabalhar a fantasia de Miller, Jung reuniu, em uma teoria,

os mitos, as motivações de religiosidade e contos de fada, provenientes de vivências da moça, para analisar as imagens psíquicas de Miller.

Em seu estudo, Murray (2005, p.85) argumenta que, ao analisar, pela primeira vez, o livro que relatou a vida de Miller, Jung não conhecia mais que superficialmente o pessoal da moça, tampouco ela mesma. Todavia, provavelmente, tenha sido isso que consentiu vantagem dentro da teoria, pois, sem aprofundamento pessoal com Miller, Jung poderia se dedicar, de fato, ao seu estudo, sem que houvesse interferências da ideia pessoal a respeito dela.

Desse modo, Jung comparou Frank Miller, dentro dessa perspectiva impessoal, a uma árvore em meio à floresta: não haverá consequências pessoais, diferente do que provavelmente acontecera quando Jung estudou sua prima Helene. Analisando Frank Miller, sem conhecê-la, poderia apenas imaginar, com maestria, as situações e especular a respeito, sem se distrair de seu objetivo acerca do interior psíquico:

Ao examinar as fantasias da Srta. Miller, Jung imaginou a realidade dela a partir dos poucos fatos incluídos no relato: uma jovem solteira viajando sozinha pela Europa, atraída para um marinheiro italiano mas incapaz de agir de acordo com seu interesse erótico, represando a libido sexual não usada e caindo numa profunda regressão (STEIN, 1995, p. 85).

Jung acreditava ainda, como relata em sua autobiografia, que as camadas do inconsciente (arquétipos) se fizeram presentes, para seus estudos, após um sonho que teve em 1909, numa viagem que fizera com Freud para os Estados Unidos. Nesse sonho, Jung via uma casa, que entendeu como sendo sua e construída em níveis numerosos, onde explorava três andares, mas ele começava no andar nobre, posteriormente, seguia para a parte do subsolo da casa, até, finalmente, diversos porões.

A parte nobre dessa casa passou a ser entendida por Jung como a idade atual. Consequentemente, assim como uma pessoa busca conhecer a estrutura de uma casa, Jung seguiu abaixo, onde se encontrava a parte do subsolo, então, do passado histórico recente e os porões, descendo abaixo da casa, eram em si o passado histórico antigo, onde podiam estar o passado grego, o romano, o passado pré-histórico e também os primórdios da humanidade. Assim,

No sonho, ele explora os andares da casa: começa pelo andar nobre (idade atual). Desce ao subsolo (o passado histórico recente) e continua descendo através de muitos porões (o passado histórico antigo, como o grego e o romano e finalmente o passado pré-histórico e paleolítico) (STEIN, 1995, p. 85).

Para tanto, os arquétipos, na psicologia junguiana (ou arquetípica), passaram por diversos processos de estudo, construção de conceitos, tipos e classificações desde que se fizeram presentes dentro da teoria do inconsciente, estudada por Jung. Enquanto buscavam explicar os processos da alma humana e atitudes dentro das situações ao longo da vida, os arquétipos, sendo universais e coletivos, fazem parte da psique humana, seja na vida real ou na arte por ela inspirada.

### **3 METODOLOGIA**

*A Metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de*

*comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade (PRODANOV; FREITAS 2013, p. 14)*

Este estudo se consolidou através do que Gil (2002) definiu por pesquisa, como sendo “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” Ainda a respeito de pesquisa, as autoras Marconi e Lakatos (2003, p. 155) veem como sendo “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Para tanto, foi utilizada uma abordagem de cunho descritivo, sabendo do tema proposto para este estudo, que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 52), é quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles de fato. Visa a descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Vale dizer que esta pesquisa pode ser vista ainda como qualitativa.

A necessidade de proceder a um estudo a respeito dos arquétipos da psique na literatura, especialmente o do arquétipo da Sombra, considerando o inconsciente coletivo, se deu através do interesse na psicologia junguiana e na forma que a sombra se fez presente dentro da literatura estudada.

Levando em consideração a presença da *Sombra*, analisada dentro do conto de fadas *Rumpelstilzinho* (2018), dos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, este estudo trouxe o embasamento pertinente tanto para reforçar o arquétipo da Sombra neste conto quanto para uma análise literária mais apurada acerca da obra em destaque, pois o objeto de estudo desta pesquisa converge para o que Alves (2011, p. 25-26) vê como objeto de pesquisa dentro da literatura:

O objeto de pesquisa do estudioso da literatura são as obras literárias: romance, contos, poemas, peças de teatro, narrativas populares ou, mais especificamente, um tema ou a personagem de um romance, a significação que determinado espaço assume em uma obra, a maneira como o romancista ou poeta trabalham com o tempo [...] Trata-se, como todos sabem de um objeto com características peculiares: tem um forte apelo conotativo, está investido de uma dimensão estética essencial.

Ao levar em consideração esta linha de pensamento, foi possível perceber que o método de pesquisa bibliográfico era o mais indicado para ser utilizado no desenvolvimento do estudo. De acordo com Paiva (2019, p. 58), “entendida prioritamente como revisão de literatura e parte essencial de qualquer modalidade de pesquisa. A pesquisa bibliográfica tem por objetivo contextualizar uma pesquisa e mostrar o que já existiu sobre o objeto investigado”.

Sabendo disso, buscamos embasamento teórico a respeito da psicologia analítica acerca da arte, sob a perspectiva da psicologia analítica em Grinberg (1997), Hall (2014), Jung (1991), Hillman (1995), Silveira (2001), Jacob (1995) Stein (2001) e Stanford (1988) e, para corpus, utilizamos Jacob Grimm e Wilhelm Grimm (2018).

Após o levantamento e estudo do material bibliográfico, seguimos para a conceituação e análise, confrontando os dados da pesquisa a serem distribuídos nas seguintes etapas:

1) Pesquisa bibliográfica sobre o tema de análise a ser desenvolvido: O arquétipo da sombra na arte literária dos contos de fadas;

- 2) Pesquisa e leitura de bibliografia sobre a estrutura da psique, acerca da psicologia analítica, do inconsciente coletivo, dos arquétipos da personalidade, da Sombra como arquétipo maior, e do oculto presente nas relações de terceiros;
- 3) Leitura, análise e associação da sombra no conto *Rumpelstilzinho*, de Jacob e Wilhelm Grimm;
- 4) Confrontação de resultados obtidos dentro da pesquisa com relação ao material crítico já produzido sobre o tema.

#### **4 O ARQUÉTIPO DA SOMBRA NO CONTO *RUMPELSTILZINHO*, DOS IRMÃOS GRIMM**

*Sendo inevitável possuímos a personalidade da sombra, a sombra é chamada um arquétipo. Dizer que algo é um arquétipo significa que ele é um bloco essencial para a construção da personalidade (SANFORD, 1988, p. 73).*

Assim como os demais arquétipos (persona, anima ou animus e *self*), que formam o inconsciente coletivo, a sombra é um arquétipo herdado de nossos ancestrais mais primitivos e que independente da cultura, raça, religião, se fará sempre presente dentro da psique. Vale lembrar que esta formará, ao longo do tempo, a personalidade e a forma como nos comportaremos, psicologicamente, perante as diversas situações ao longo da vida, as quais são capazes de ativar nossos arquétipos.

Dentro da perspectiva da psicologia analítica, o arquétipo da sombra é a representação do nosso lado mais sombrio. É dentro da *sombra* que está armazenada nossa energia vital negativa, nossos sentimentos 'ruins' e, ainda dentro do que Jung definiu como arquétipo de sombra, estão inseridos os sentimentos mais primitivos de um indivíduo e que são socialmente rejeitados ou não aprovados pela sociedade na qual precisamos estar inseridos.

Desse modo, a *sombra* é o arquétipo fundamental de força maior dentro da psique humana; todavia, a construção da psique é como se fosse uma casa, onde os arquétipos seriam os pilares, para sustentar sua estrutura; pilares que, quando controlados, não trarão problemas ao indivíduo e, caso sejam negados, acabam por trazer consequências graves mais adiante: assim como uma casa que cai, os arquétipos não controlados tendem a nos fazer desabar uma hora.

Nesse sentido, a sociedade criou padrões considerados certos, que buscam modelar a pessoa perfeita, para ser aceita e para evitar conflitos em comunidade. Ao seguirmos os padrões estipulados, acabamos por reprimir a sombra presente em nosso inconsciente coletivo. Rejeitando o nosso lado agressivo e nossos efeitos 'maus', perante as pessoas e as situações, se temos em nós um sentimento e não o expressamos por considerá-lo negativo, estaremos reprimindo a sombra. Com isso,

*O termo "sombra", como conceito psicológico, refere-se ao lado obscuro, ameaçador e indesejado da nossa personalidade. Nossa tendência, no desenvolvimento de uma personalidade consciente é buscarmos incorporar aquilo que gostaríamos de ser. As qualidades que pertenceriam a essa personalidade consciente, mas que não estão de acordo com a pessoa que queremos ser, são rejeitadas e vem a construir a *sombra* (SANFORD, 1988, p. 64).*

A esse respeito, Sanford (1988, p.64) define que "O "ideal do ego" é formado pelos ideais ou padrões que modelam o desenvolvimento do ego ou a personalidade

consciente.” Não se sabe, ao certo, de onde surgem esses padrões, mas acredita-se que, além de iniciarem dentro da sociedade, eles partem dos pais, dos grupos que desejamos estar inseridos ou convivências sociais e religiosas.

Sendo assim, temos dentro de nós características da psique e da personalidade, influenciadas pela sombra, pois todos os seres humanos tendem a ter uma porcentagem dentro de si que a sociedade considera ruim, mas somos ensinados, desde o princípio, que, quando fazemos algo negativo, estamos propensos a receber aquilo de volta uma hora ou outra. Assim, “a sociedade nos diz que não podemos furtar assassinar ou agir de alguma forma socialmente destrutiva, sem que sejamos punidos” (SANFORD, 1988, p. 64-65).

Para tanto, a sociedade em si, sabendo que temos presente, dentro de nós, gatilhos para seguir um caminho considerado errado, criou formas de nos dizer que, se fizermos algo de errado, seremos julgados; se fizermos o mal, seremos punidos, pode-se exemplar de uma perspectiva religiosa, por que teríamos mandamentos se não tivéssemos a certeza de que podemos ser ruins? A igreja buscava espelhar figuras perfeitas e inexistentes, para agradar seus padrões, obrigando a sombra a ser oculta. Nessa perspectiva,

[...] consideremos os Dez Mandamentos. Não haveria a necessidade da existência de mandamentos que dizem “não roubarás”, “não cometerás adultério”, “não matarás”, se não houvesse a possibilidade de cometermos tais atos. Se seguirmos os Dez Mandamentos, as tendências psicológicas, por elas proibidas, ficarão incluídas na sombra (SANFORD, 1988, p. 65)

Em seu texto, o teórico Sanford (1988) propõe que, como já fora dito anteriormente, a *sombra* costuma estar presente em nossas vidas, através dos sonhos, caso seja um homem, a figura da sombra estará para ele como um homem, caso o indivíduo venha a ser mulher, a sombra se fará presente como figura de sexo igual. Geralmente, não aceitamos nossa sombra, não procuramos entender o que ela representa, não reagimos a ela como parte de nós, mas, sim, a consideramos de forma inferior.

A *sombra*, como ressaltado anteriormente, é sempre projetada na figura do sexo de seu indivíduo e, ao ser estudada e vista dentro de uma perspectiva da psicologia arquetípica, podemos entender que se faz assim presente para o indivíduo se enxergar dentro dessa sombra sem confrontá-la, exprimindo e buscando compreendê-la como parte da sua personalidade psíquica e não como algo ruim, que vem com a intenção de prejudicar como pensamos ser:

Em nossos sonhos a *sombra* aparece na figura do mesmo sexo de quem sonha, a qual não aceitamos, tememos ou a ela reagimos como se fosse um ser inferior. De fato, uma das maneiras de conhecermos a *sombra* é através de nossos sonhos. A figura do sonho que representa a *sombra*, ou aspecto da personalidade da *sombra*, é sempre do mesmo sexo do sonhador, já que a *sombra* personifica qualidades que *poderiam* fazer parte do ego (SANFORD, 1988, p. 66).

Para tanto, a sombra e o arquétipo, que Jung definiu como *persona*, são estruturas complementares da psique. A sombra é um arquétipo que tem dentro de sua construção e forma de se expressar a presença do ego; entretanto, diferente dos outros arquétipos que constroem a psique (*persona*, *anima* ou *animus* e *self*), ela não pode ser controlada pelo ego, é como se a sombra fosse, de certa forma, um filho que se torna independente, mas não corta ligações com os pais.

Há diversas comparações que podem ser feitas quando falamos do arquétipo de sombra e sua presença dentro da psique humana, considerando a forma com que reagimos à sombra. Consideremos, inicialmente, uma figura famosa e a pessoa real dentro deste mesmo indivíduo; na internet, é comum encontrarmos uma pessoa virtual, com boas intenções, expressando, na rede, uma consideração e carinho pelas pessoas menos favorecidas, porque aquela ação agrada a sociedade, porém, a pessoa das redes sociais tenta, a todo custo, criar uma ilusão que agrada a sociedade que a acompanha, mesmo que a sua sombra viva em conflito nos momentos que ninguém vê. Nesses momentos, ela não precisa cativar a ilusão de uma pessoa perfeita, que segue os padrões, para viver em contato com a “sociedade perfeita”. Nessa medida,

Para que um indivíduo se torne um membro essencial à comunidade, ser-lhe-á necessário domesticar os ímpetus animais contidos dentro da sombra. Trabalho este a ser feito com a supressão das manifestações da sombra e o desenvolvimento de uma poderosa persona que contrabalance o poder da sombra (HALL, 2014, p. 40).

Porém, onde vamos ou o que quer que façamos, sempre encontraremos alguém no percurso, em dado momento, que a sociedade considera ruim, por não seguir os padrões que ela impõe. E, se não encontramos, é porque somos essa pessoa. A sombra não se adequa ao que lhe é dito como certo e errado. Se olharmos em uma perspectiva da psicologia arquetípica, saberemos que todos nós, independente de cultura, classe social ou religião, em algum momento seremos controlados pela sombra.

A esse respeito, Sanford (1988, p. 73) reflete que “é típico de todos os seres humanos, no próprio desenvolvimento da personalidade consciente, haver sempre a companhia de seu oposto, a sombra”. Todos, sem exceção, possuem o arquétipo da sombra, a única coisa que muda é que, em alguns, ela age de forma positiva e, em outras pessoas, não, como é o caso dos assassinos, ladrões e pessoas altamente violentas.

Sanford (1988) indica que nem todos possuem a mesma personalidade; nem todos controlam a sombra da forma que a sociedade quer impor, já que, em alguns casos, o que a psicologia arquetípica considera como um ego ideal é o oposto do que se espera que seja. Nas pessoas que agem de forma divergente do que a sociedade ensina como um ideal bom, o ego vem a ser agressivo, porque é o que aquela sombra valoriza quando passa a incorporar os impulsos desses indivíduos. Nesse contexto,

Individualização e totalidade tornam-se possíveis somente quando a personalidade consciente tem uma certa atitude moral. Se as pessoas se identificarem demais com seu lado trapaceiro, desonesto e violento, sem um mínimo sentimento de culpa ou reflexão a esse respeito, sua totalidade pode não acontecer (SANFORD, 1988, p. 71).

Em alguns casos, como os de escritores, artistas e pessoas que tem tendência a trabalhar a expressão de sentimentos, por meio da arte, a manifestação da sombra pode ser algumas vezes confundida como histeria ou insanidade. Isso acontece, pois a sombra faz com que essa pessoa chegue a um grau alto de criatividade, isso se dá porque a sombra acaba por se sobrepor ao ego em si, o que acaba fazendo com que as pessoas, que estão vendo de fora, as considerem com

certo grau de capacidade mental reduzido, justamente por não entenderem a forma como a sombra se faz presente dentro da arte.

Hall (2014) aponta que “A sombra é dotada de um extraordinário poder de resistência: nunca é vencida. A natureza é igualmente eficaz, tanto para a promoção do bem quanto do mal”. Isso quer dizer que, mesmo que haja em nós frequentes tentativas de agir contra a sombra e o que ela impõe, mesmo que consigamos escondê-la, por algum tempo, ela retornará para nós, porque não pode ser destruída tampouco controlada como queremos que seja.

Nesse sentido, Grinberg (1997) propõe que é dentro de nossa sombra que estão os sentimentos mais impetuosos, assim como as ferramentas necessárias para que venha a existir o desenvolvimento da personalidade que nos compõe. A *sombra* é um arquétipo que, quando vem a ser confrontado, por alguma razão, passa a diminuir de tamanho e poder, podendo se tornar, desse modo, uma força positiva e aliada da personalidade de um indivíduo:

Nossa sombra pode tornar-se um bom inimigo, aquele que nos desperta para o nosso lado obscuro, possibilitando-nos aprender com nossos erros. [...] Quanto mais conscientes nos tornamos com o autoconhecimento, e se com isso mudamos nosso modo de agir, menos espessa vai ficando a camada do inconsciente pessoal, ou seja, nossa Sombra (GRINBERG, 1997, p. 150)

Os contos de fada, apesar de serem destinados a crianças, quando nos aprofundamos neles, usando uma psicologia analítica, podemos enxergar que no mundo fantástico também existe às crianças, dizendo o que podem ou não fazer enquanto usam as figuras fantásticas e da personalidade dessas figuras, para, de certa forma, domesticar o indivíduo que está sendo construído, para que ele não se torne o que a sociedade menospreza.

É normal vermos nos contos de fada que a história sempre começa com “era uma vez”, “num tempo distante” ou “houve uma vez”, frases essas utilizadas para fazer chegar ao leitor o entendimento de que é uma história vivida no mundo fantástico e que ela não pertence ao aqui e ao agora. Então, se olharmos com a psicologia arquetípica, podemos considerar o conto de fadas como sendo uma herança primitiva de nossos ancestrais, deixadas, de certa forma, com a função de nos moldar a elas.

Dentro dessa perspectiva, pode-se considerar que os contos de fada, enquanto estão em processo de leitura, se fazem em busca de moldar a personalidade do que a sociedade ensina como sendo a pessoa perfeita e os padrões que precisamos seguir para sermos mocinhos e não vilões, como as bruxas más, mesmo que a sombra dos personagens adoráveis esteja sendo, na verdade, uma sombra carregada de intenções, em busca de satisfazer apenas a si mesmo e a seus próprios desejos. Assim,

Se traços da sombra se tornam, em certa medida, conscientes e integrados, uma pessoa é muito diferente do indivíduo comum. A maioria das pessoas não sabe que é tão egocêntrica e egoísta quanto na realidade é, e quer aparentar ser altruísta e ter o total domínio de seus apetites e prazeres. A tendência das pessoas é, antes, para esconder tais traços dos outros e de si mesmas por trás de uma fachada que as mostre atenciosas, ponderadas, empáticas refletidas e benévolas (STEIN, 2001, p.99).

Para tanto, vemos sempre a presença de personagens fantásticos, espelhados e espelhando a figura humana real. O que pode vir a acontecer então

para que haja, dentro dos personagens e de nós mesmos, uma lembrança constante de que devemos seguir o certo, se quisermos alcançar os padrões arquetípicos da pessoa que será bem vista dentro da sociedade, sendo ela fantástica ou não, mesmo que escondamos a sombra e o que ela representa.

Sendo assim, os contos de fada buscam usar a magia de príncipes, princesas e personagens belíssimos, para esconder o que existe por trás de cada um deles e sua verdadeira sombra. Somos ensinados, desde pequenos, que a princesa é boa e merece ser feliz, enquanto a bruxa é feia e má, devendo ser castigada por suas atitudes, por impedir que a princesa seja feliz, assim como somos ensinados, socialmente, que pessoas más, como as bruxas, não serão aceitas ou vistas de forma benéfica.

na sociedade humana há formas de comportamento que não são aceitáveis e as crianças devem aprender isto, como também serem capazes de estabelecer, por si mesmas, um controle dessas formas de comportamento [...] o confronto com a *sombra* é essencial para que aja o desenvolvimento do autoconhecimento (SANFORD, 1988, p. 74).

Desse modo, ao nos aprofundarmos dentro do conto *Rumpelstilzinho* (2018), escrito pelos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, considerando as teorias abordadas dentro da psicologia junguiana, enxergamos então que, ao longo do conto de fadas analisado, todos os personagens existentes, apresentam, dentro de sua personalidade, o inconsciente coletivo e a sombra como sendo parte de sua estrutura psíquica dominante, assim como na vida humana.

Assim como na vida fora dos contos de fada, os personagens dessa literatura, que é, de certa forma, construída dentro de uma perspectiva real, o moleiro, o rei, a filha do moleiro e *Rumpelstilzinho* (2018) precisam apenas de uma carga de energia psíquica forte o bastante para a ativação da sombra. O arquétipo, que está guardado no mais íntimo do inconsciente, apenas espera a carga de energia psíquica necessária, para ativar, de forma natural, o arquétipo da sombra, presente nos personagens, assim como em nós mesmos.

O arquétipo da *sombra*, dentro do conto *Rumpelstilzinho* (2018), é apresentado, dentro da história, em todos os personagens revelados, começando, inicialmente, na figura do moleiro, que já havia se tornado um mentiroso tão esguio, que mentira a respeito da própria filha para o rei, tentando ser inserido dentro do padrão de valores da realeza, de forma que pode se considerar que “o rei tem riquezas, eu tenho uma filha que faz ouro ao tocar na palha”:

Houve, uma vez, um moleiro que era muito pobre e tinha uma filha muito bonita. Certa vez, aconteceu-lhe falar com o rei e, para dar-se importância lhe disse: - Eu tenho uma filha capaz de fiar e transformar em ouro a simples palha. O rei arregalou os olhos, e pensou com si mesmo “Esse é um ótimo negócio para mim!” (GRIMM, 2018, p.379).

Quanto a isso, Sanford (1988, p. 74) esclarece que “na vida familiar em geral, e principalmente em se tratando de pai ou mãe, é um ponto crucial, e o problema da sombra pode ser encontrado e trabalhado, pois sempre há sentimentos negativos constelados na família”. Pode-se considerar que essa questão, quanto ao personagem do pai, no conto, reflete que os conflitos em família não foram resolvidos, já que o moleiro entregou a filha ao rei sem se preocupar com o que viria a seguir, apenas pelo fato de querer ser inserido dentro da sociedade da realeza.

A *sombra*, no rei, pode ser vista na reação dele ao saber que o moleiro tinha uma filha capaz de tornar palha em ouro. A ambição ficou evidente quando teve então interesse em ver do que a moça era capaz, sem expressar seu real interesse, já que não era curiosidade a respeito de tal dom, mas o que poderia fazer para desfrutar dele. Inicialmente, na narrativa, o rei não nos revela a sua intenção, mas apenas após conhecer a moça:

- Se tua filha é na realidade tão engenhosa como dizes, traze-a amanhã ao palácio, quero submetê-la a uma prova.

No dia seguinte, a moça foi apresentada ao rei, ao qual conduziu-a a uma sala cheia de palha até o forro, tendo lá uma roca de fiar num canto.

– Senta-te aí ao pé dessa roca de fiar – disse o rei; - já que sabes transformar palha em ouro, põe-se a trabalhar e, se até amanhã cedo não me tiveres produzido todo esse ouro, serais condenada à morte (GRIMM, 2018, p. 379).

A esse respeito, Stein (1998, p. 99) aponta que “Se a trajetória das vontades, preferências e intenções do ego for seguida com suficiente profundidade chega-se às regiões da escuridão e da frialdade onde se torna evidente que o ego tem capacidade em sua sombra, para ser extremamente egoísta [...]”. Para tanto, o rei possuía em si a ambição por mais riqueza, egoísmo e diversos sentimentos, influenciados pela parte negativa de sua sombra.

Assim como o rei, *Rumpelstilzinho*, o gnomo, tinha dentro de si o arquétipo da *sombra*, influenciado pela carga de energia psíquica em sua totalidade negativa. Esse personagem pode ser apresentado dentro da sociedade humana real como uma situação da qual precisamos passar, para que nossa carga de energia psíquica seja carregada o suficiente para haver a ativação da sombra:

[...] Nisso a porta rangeu e apareceu um gnomo muito lampeiro, dizendo: - Boa noite linda moleira; por quê estás chorando assim?

- Ai de mim, - soluçou ela; - o rei mandou-me transformar toda esta palha em ouro e eu não sei fazê-lo.

- Hum! Disse o gnomo sorrindo brejeiro; - que me dás se eu fiar tudo como o rei deseja?

- Oh, meu amiguinho, respondeu ela; - dou-te o meu colar (GRIMM, 2018, p. 380).

Nessa perspectiva, pode-se notar que o gnomo apareceu na hora exata em que a moleira necessitava de ajuda, isso pode ser visto como um exemplo de incentivo de ativação do arquétipo da sombra, todavia, ao temer a morte, a moleira estaria então disposta a aceitar o que fosse necessário, sem questionar. O acontecimento seria, então, de início uma pequena parcela do que é necessário para ativar a sombra de fato, podendo então ser entendido, de modo real, como uma troca de favores entre a sombra e a personalidade de um indivíduo.

Com isso, *Rumpelstilzinho* é ao mesmo tempo considerado como a carga da energia psíquica responsável pela ativação da sombra, é o gatilho, para que a filha do moleiro faça trapaça para com o rei. Cabe considerar e interpretar isso como sendo algo ruim, por aceitar as propostas feitas pelo gnomo, de forma que a moleira não veio a pensar nas consequências do que viria depois, mas buscava apenas uma satisfação imediata ou como sendo sua garantia para fugir da morte e, posteriormente, casar com o rei:

- Ai tens a palha que deves fiar esta noite; se o conseguires, casar-me-ei contigo. [...] Assim que ficou só, a moça esperou que aparecesse o gnomo; este não tardou.

-Hum! Temos mais serviço hoje? O que me dás se eu te fiar toda esta pilha?

- Nada mais possuo – disse ela tristemente; – já te dei tudo o que tinha comigo.

Neste caso, promete-me que me darás teu primeiro filho quando fores rainha. A moça pensou: “Quem sabe lá se me tornarei rainha algum dia!” E, para sair-se daquele apuro prometeu ao gnomo tudo que ele queria (GRIMM, 2018, p. 382-383)

Ao longo da história, podemos notar que em nenhum momento é citado o nome do moleiro, do rei ou da filha do moleiro, apenas do duende, e esse é um fator que pode, assim como o inconsciente coletivo, ter sido universal, pois todos nós, em algum momento da vida, influenciados pela sombra, mentimos para sermos aceitos, sendo assim, podemos ser qualquer um dos personagens.

No decorrer do conto, quando o gnomo retorna até a agora rainha se desespera para conseguir descobrir o nome do gnomo, de modo a não entregar o que foi combinado entre eles: o primeiro filho que ela tivesse. A rainha, influenciada pela sombra, lança mão do mesmo artifício que usou com o rei, a forma de trapaça, fazendo com que o gnomo acabe provando então da consequência que ele usou para projetar a ativação do arquétipo de sombra na moça.

Grinberg (1997, p. 146) indica que “Nesse nível inferior, as emoções costumam ser mais descontroladas, nos comportamos de modo mais arcaico, sendo, muitas vezes incapazes de julgamento e autocritica. Tornamo-nos vítimas de nossos próprios complexos afetivos.” Esse pode ser então o motivo não explicitado que encontramos dentro do conto como sendo a razão psíquica, para a rainha buscar, de toda forma possível, salvar sua vida da morte, inicialmente, e depois seu filho do gnomo.

A sociedade dos contos de fada e da vida real tenta nos ensinar que seremos punidos por nossas ações que foram padronizadas como erradas e ofensivas aos demais e que haverá consequências por tais atos. No conto de *Rumpelstilzinho*, a consequência do gnomo, por ter ativado o arquétipo de sombra na moleira, ao fazer com que a moça usasse da trapaça, para conseguir o que queria, chegou quando ele se partiu ao meio no final do conto:

Ao ouvir seu nome, o gnomo ficou assombrado; depois teve um acesso de cólera e berrou:

- Foi o diabo quem te contou, foi o diabo quem te contou.

E bateu o pé no chão com tanta força que rompeu o assoalho e afundou até à cintura. Ele, então, desesperado, agarrou o pé esquerdo com as duas mãos e puxou tanto que acabou rasgando-se ao meio (GRIMM, 2018, p.383).

A consequência do rei, por seu interesse e ganância desmedida por riqueza, não aconteceu; a cobrança pelo uso negativo de sua sombra não veio como a do gnomo. Já a do moleiro, por suas mentiras desmedidas, aconteceu, de certa forma, quando foi induzido pelo rei a basicamente entregar sua filha a caminho da morte, já que sabia que ela não era capaz de transformar palha em ouro.

Ao observarmos, de forma que venhamos a usar a teoria da psicologia analítica, enxergamos que essas situações, que acontecem por influência da sombra, se vistas dentro do padrão que a sociedade impõe, acabam por dizer que não devemos fazer aquilo que é socialmente desprezível, pois seremos punidos, ao

mesmo tempo em que entendemos a falta de consequência para a moleira como sendo um alerta que não haverá punições para todos, e não saberemos se seremos punidos pela sombra enquanto não buscarmos sua ativação.

O conto *Rumpelstilzinho* (2018), após ser estudado à luz das teorias da psique, deixa claro que todos nós podemos ser qualquer um dos personagens do conto, em um dado momento da vida, a depender da ativação de nossa sombra. O conto de fadas omitiu que os personagens fantásticos, de castelos e belezas perfeitas, são tão egoístas, cruéis quanto às figuras que são consideradas imperfeitas, o que acontece apenas é a ilusão de perfeição.

## 5 CONCLUSÃO

Atentamos, neste Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, de gênero acadêmico artigo científico, investigar sobre a presença do arquétipo da sombra dentro do conto de fadas *Rumpelstilzinho* (2018), dos autores Jacob e Wilhelm Grimm, conto este que, apesar de ter seu gênero literário destinado ao público infantil, refletiu-se, neste estudo, como sendo uma fonte predominante de análise a respeito da psique humana e do arquétipo da sombra. Para tal, inicialmente analisamos os arquétipos do inconsciente coletivo, através da psicologia analítica de Carl Gustav Jung.

Por consequente, a pesquisa em título “Formas de manifestação do arquétipo da *sombra* no conto *Rumpelstilskin*, de Jacob e Wilhelm Grimm” apontou, em sua construção, a teoria junguiana a respeito da psique humana e de seus arquétipos, seguindo, por subsequente, as contribuições de estudiosos que enriqueceram a análise acerca do inconsciente coletivo e de suas matizes e raízes mais estruturadas e humanas.

O percurso teórico-metodológico, pelo qual buscamos seguir, foi guiado pela seção retórica, proposição do tema, todavia, ao levantarmos tais apontamentos dentro da pesquisa, acabamos por refletir e construir uma ponte de relação entre o conto de fadas e a ilusão que temos sobre os personagens bons e maus, pois constatamos que o arquétipo da sombra, que se faz presente em nós seres humanos, também está presente no mundo das fadas.

Para tanto, utilizamos, nesta pesquisa, o apoio teórico do psiquiatra Luiz Paulo Grinberg, de Calvin S. Hall, de Carl Gustav Jung, de James Hillman, de Nise da Silveira, de Jolande Jacob, de Murray Stein e de Jhon Stanford. Todos esses estudiosos trouxeram contribuições pertinentes com relação à *Sombra* que se faz presente no que compreendemos por inconsciente coletivo.

Logo para essa constatação direcionou, também, que as escolhas feitas pelos personagens do conto *Rumpelstilzinho* levaram-nos a considerar que o arquétipo da *Sombra* se faz presente em todos eles assim como acontece com as pessoas humanas reais, independente de estarmos inseridos no que a sociedade julga como uma pessoa boa ou má. Resultando assim, de forma pertinente que todos nós seremos bons e maus em dado momento da vida a depender da *sombra* que nos guiará queiramos aceita-la ou não.

Este apontamento reforça então que o que Jung definiu como a psique humana e os arquétipos que a constituem são nossa maior estruturação à frente nosso comportamento e reações perante acontecimentos implícitos e explícitos ao longo da vida. Ressaltamos aqui, a importância de compreender os arquétipos e como eles estão inseridos de forma direta em nossa personalidade, seja ela real ou nos personagens encantados.

A psicologia analítica de Jung e do arquétipo de *sombra* se faz presente em diversos momentos ao longo da construção teórica e analítica deste estudo; em primeiro momento, quando levantamos apontamentos a respeito da psique humana, que carrega em si o consciente (aquele do qual temos domínio) e o inconsciente coletivo (aquele que não temos domínio).

Para tanto, num segundo momento, são apresentadas abordagens teóricas e considerações quanto à *sombra* e sua estrutura ligada à psique, esvaindo-se dos demais arquétipos do inconsciente coletivo. E, por conseguinte, em um último momento, refletimos acerca da presença do arquétipo de sombra no conto *Rumpelstilzinho*, ligando-o à realidade humana, como também refletindo como a sombra é oculta e, ao mesmo tempo, vista nas reações de personalidade e sociedade.

A partir das constatações estudadas, reiteramos a necessidade de estudos que contemplem a psicologia dos arquétipos e a relevância que esses arquétipos têm na estrutura da personalidade humana. Esperamos que esta proposta de pesquisa possa fornecer respostas para indagações existentes, assim como fundamentar e incentivar outras.

## REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Rumpelstilzinho. *In: Contos de Grimm* (Coleção Completa). Oregon Publishing, 2018, p. 379-383.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jung: o homem criativo**. São Paulo: FTD, 1997.

HALL, Calvin S.; LINDSEY, Gardner. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Herder, 2014, p. 24-44.

HILLMAN, James. **Psicologia Arquetípica: um breve relato**. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 16-39.

JUNG, Carl G. Relação da psicologia analítica com a obra de arte poética. *In: O espírito na arte e na ciência*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 54-72.

MARCONI, Marina A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PINHEIRO, Helder. **Pesquisa em literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas do trabalho acadêmico**. 2. ed. Nova Hamburgo: Feevale, 2013.

SANFORD, Jhon A. **Mal, O lado sombrio da realidade**. São Paulo: Paulus, 1988.

SILVEIRA, Nise. **Jung: Vida e obra**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

STEIN, Murray. **Jung** – O Mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 2001, p. 84-114.

## ANEXO A – RUMPELSTILZINHO, DE JACOB E WILHELM GRIMM

Houve, uma vez, um moleiro que era muito pobre e tinha uma filha muito bonita. Certa vez, aconteceu-lhe falar com o rei e, para dar-se importância, disse-lhe:

- Eu tenho uma filha capaz de fiar e transformar em ouro a simples palha.

O rei, arregalando os olhos, pensou consigo mesmo: "Esse é um negócio excelente para mim!", pois ele era um poço de ambição o nada lhe chegava. Então, disse ao moleiro:

- Se tua filha é na realidade tão engenhosa como dizes, traze-a amanhã ao palácio; quero submetê-la a uma prova.

No dia seguinte, a moça foi apresentada ao rei, o qual a conduziu a uma sala cheia de palha até ao forro, tendo lá uma roca de fiar num canto.

- Senta-te aí ao pé dessa roca de fiar, - disse o rei; - já que sabes transformar a palha em ouro, põe-te a trabalhar e, se até amanhã cedo não me tiveres produzido todo esse ouro, serás condenada à morte.

Trancou a sala e foi-se embora sem mais uma palavra. A pobrezinha ficou só, na maior aflição deste mundo, pois nunca imaginara que se pudesse transformar palha em ouro e, sua aflição aumentando cada vez mais, pôs-se a chorar desconsoladamente. Nisso a porta rangeu e apareceu um gnomo muito lampeiro, dizendo:

- Boa noite, linda moleira; porquê estás chorando assim?

- Ai de mim, - soluçou ela; - o rei mandou-me transformar toda esta palha em ouro e eu não sei fazê-lo.

- Hum! - disse o gnomo sorrindo brejeiro; - que me dás se eu fiar tudo como o rei deseja?

- Oh, meu amiguinho, - respondeu ela; - dou-te o meu colar.

O gnomo tomou o colar, examinou-o detidamente, guardou-o no bolso e, em seguida, sentou-se à roca: frr, frr, frr, fazia a roda, que girou três vezes, enchendo o fuso de fios de ouro. Fez girar mais três vezes: frr, frr, frr, e este outro fuso também logo ficou cheio; e assim trabalhou até que, pela madrugada, tinha desaparecido a palha, só ficando os fusos cheios de fios de ouro.

Quando, ao nascer do sol, o rei foi à sala ver se suas ordens haviam sido cumpridas, ficou extasiado ao ver todo aquele ouro. Mas não se contentou, de coração ávido e ambicioso, desejou possuir ainda mais. Levou a moça para outra sala, ainda maior, que estava cheia de palha até ao teto e tornou a ordenar-lhe que fiasse aquilo tudo durante a noite, se tinha amor à vida.

A pobre moça não sabia para que santo apelar e desatou outra vez num choro amargurado; mas eis que novamente a porta rangeu e o gnomo tornou a aparecer, perguntando:

- Mais palha para fiar? Que me dás agora se eu fizer o mesmo trabalho de ontem?

- Dou-te este anel que trago no dedo, - disse ela, apresentando-lhe o anel.

O gnomo tomou o anel, examinou bem e depois recomeçou o zumbido da roda; ao raiar do dia, toda aquela palha estava transformada em fios de ouro puro e brilhante.

O rei, muito cedo, foi ver o trabalho e exultou de alegria vendo aquela pilha de ouro. Sua ambição, porém, era desmedida; levou a moça para uma terceira sala,

maior que as outras, tão cheia de palha que só ficara um cantinho para a roca de fiar.

- Aí tens a palha que deves fiar durante esta noite; se o conseguires, casar-me-ei contigo. - "Embora seja filha de um simples moleiro, - pensava consigo mesmo o rei, - uma esposa mais rica não encontrarei no mundo todo!"

Assim que ficou só, a moça esperou que aparecesse o gnomo; este não tardou.

- Hum! Temos mais serviço hoje? O que me dás se eu te fiar toda esta palha?

- Nada mais possuo, - disse ela tristemente; - já te dei tudo quanto tinha comigo.

- Nesse caso, promete-me que me darás teu primeiro filho quando fores rainha.

A moça pensou: "Quem sabe lá se me tornarei rainha algum dia!" E, para sair-se daquele apuro, prometeu ao gnomo tudo o que ele quis. No mesmo instante, o gnomo se pôs a fiar e, em pouco tempo, transformou toda a palha em ouro.

Quando pela manhã bem cedo o rei chegou e viu tudo executado conforme seu desejo, ficou radiante de alegria e, cumprindo o que prometera, casou-se com a filha do moleiro, que assim se tornou rainha.

Decorrido um ano, a rainha teve um filho lindo como os amores; estava tão feliz que já não se lembrava da promessa feita ao gnomo; mas este não se esquecera, entrou no quarto da rainha e disse-lhe:

- Por três vezes ajudei-te! Agora dá-me o que me prometeste.

A rainha ficou apavorada e ofereceu-lhe todas as riquezas do reino para que lhe deixasse aquele amor de criança; mas o gnomo, implacável disse:

- Não, não. Prefiro uma criaturinha viva a todos os tesouros do mundo.

Então a rainha desatou a chorar e a lastimar-se de causar dó. O gnomo, condoído de sua grande dor, disse-lhe:

- Está bem! Concedo-te três dias de prazo; se antes de vencer este prazo conseguires adivinhar meu nome, poderás ficar com a criança.

A rainha encheu-se de esperança; passou a noite inteira pensando em todos os nomes que conhecia ou que ouvira mencionar; além disso, expediu vários mensageiros que percorressem o reino todo e perguntassem os nomes de quantos existiam.

No dia seguinte, o gnomo apareceu e ela foi dizendo os nomes que sabia, a começar por Gaspar, Melchior, Baltazar, Benjamim, Jeremias e todos os que lhe ocorria no momento, mas a cada um, o gnomo exclamava:

- Não. Não é esse o meu nome.

No segundo dia, a rainha mandou perguntar o nome de todos os cidadãos das circunvizinhanças e repetiu ao gnomo os nomes mais incomuns e extravagantes.

- Chamas-te, acaso, Leite-de-Galinha, Costela-de- Carneiro, Unha-de-boi ou Osso-de-baleia?

Mas a resposta do gnomo não variava:

- Não. Não é esse o meu nome.

No terceiro dia, chegou o mensageiro e disse-lhe:

Percorri todo o reino e não descobri nenhum nome novo. Mas, passando ao pé de uma montanha, justamente na curva onde a raposa e a lebre se dizem boa-noite, avistei uma casinha muito pequenina; diante da casinha havia uma fogueira em volta da qual estava um gnomo muito grotesco a dançar e pular com uma perna só. Estava cantando:

- Hoje faço o pão, amanhã a cerveja;  
a melhor é minha.

Depois de amanhã ganho o filho da rainha. Que bom que ninguém sabe direitinho que meu nome é Rumpelstilzinho!

Podeis bem imaginar a alegria da rainha ao ouvir essa história; decorou-a e quando, pouco depois, a porta rangeu e apareceu o gnomo a perguntar:

- Então, minha Rainha, já descobriste o meu nome? A rainha para disfarçar, começou por dizer:

- Chamas-te Conrado?

- Não.

- Chamas-te Henrique? - Não.

- Não te chamas, por acaso, Rumpelstilzinho?

Ao ouvir seu nome, o gnomo ficou assombrado; depois teve um acesso de cólera e berrou:

- Foi o diabo quem te contou; foi o diabo quem te contou!

E bateu o pé no chão com tanta força que rompeu o assoalho e afundou até à cintura. Ele, então, desesperado, agarrou o pé esquerdo com as duas mãos e puxou tanto que acabou rasgando-se ao meio.

Desde esse dia, a rainha viveu tranquilamente com o seu filhinho.

FIM!

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Rumpelstilzinho. *In: Contos de Grimm* (Coleção Completa). Oregon Publishing, 2018, p. 379-383.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me guiado sempre no caminho certo e ter sido minha maior fonte de crescimento, bênçãos, livramentos e por todas as pessoas que Ele me deu a chance de conhecer e, também, por todas as pessoas que afastou do meu percurso.

À minha mãe, Maria José, por ter me levantado em todas as minhas quedas e acreditado em mim quando eu duvidei e por ter me mostrado que eu posso sempre ir mais além, independente do que o mundo tenta me dizer.

Ao meu pai, Ronaldo, por ter sido sempre o professor que mais admiro e principal responsável pelo meu amor à educação, por ser, juntamente com minha mãe, a pessoa que mais se orgulha da minha jornada.

Agradeço, com fervor, ao meu orientador, Rafael Braz, por acreditar na minha capacidade e ter aberto as portas para mim, tornando-se parte fundamental na minha paixão pela Psicologia Analítica. Ele foi fundamental nesta construção de conhecimento e sempre será uma honra tê-lo como orientador e guia.

Agradeço aos meus irmãos, Renato e Risonildo; a minha cunhada Marta e a todos os familiares que valorizaram minha caminhada até aqui e vibraram por cada conquista ao longo de toda minha vida profissional e acadêmica.

Agradeço aos meus amigos; em especial, Michael Jordan e José Laelson, por me tornarem confiante.

Assim, agradeço a todos que me incentivaram a caminhar até aqui e se orgulharam de mim .

Por fim, ao meu presente e futuro, agradeço!